

M. N. E.

SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO E IMPRENSA

Publicação 0 Dia

De Pág 11

Data 6/2/49



Cortaram a língua das necessidades

Um dos mais conspícuos departamentos da governação acaba de sofrer um acidente gravíssimo, cujas consequências, embora não integralmente computadas, permitem-nos já classificar a ocorrência de **CATÁSTROFE NACIONAL**.

Nas zonas de Lisboa adjacentes ao Palácio das Necessidades, a população não dorme vai para oito dias, transida pelos repetidos, intensos e lancinantes bramidos que se repercutem numa circunferência de alguns quilómetros. Setenta e quatro cidadãos, de ambos os sexos e das mais diversas faixas etárias ensandeceram por completo, abandonaram as respectivas residências e percorrem agora as artérias transitáveis em trajos menores, batendo panelas, assoprando gaitas, fazendo piuetas e chocando os olhares mais púlicos com exhibições indecorosas.

De pavor, a água gelou nas canalizações. Nem uma gota do "precioso líquido" escorre das torneiras ou das bocas de incêndio. Desde o nefasto acontecimento que não se cozinha, que não se lavam os corpos, que não se enxaguam as roupas.

A própria chuva que cai em catadupas, também apavorada, mal tocou o solo, cristalizou imediatamente, transformando a maioria das ruas em autênticos rinquês patinagem, onde os transeuntes se esparramam logo primeiro passo. Cifra-se em duzentos e cinquenta e nove o número de pernas partidas, em quinhentos e cinquenta o das cabeças rachadas, em catorze o das bacias quebradas e em cento e trinta e dois o dos braços fracturados. A electricidade, em pânico, desatou a soluçar, danificando milhares de electrodomésticos e fundindo milhares de lâmpadas. Extinguiu-se, no sector, a iluminação pública.

Refeições quentes são servidas à população por helicópteros da FAP e foi já solicitado o auxílio da Cruz Vermelha Internacional. A Polícia, munida de equipamento sofisticado, patrulha a área para evitar assaltos ou graves perturbações da ordem.

Os órgãos da Comunicação Social, por imposição do Governo, têm evitado abordar a questão. Mas nós — sempre na brecha, sempre rebeldes, sempre independentes — decidimos romper a muralha do silêncio e publicar o evento:

UM GRUPO DE DISCOLOS ARRANCOU A LÍNGUA AO MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS E OS TREMENDOS URROS DA VÍTIMA SÃO A CAUSA DA CATÁSTROFE.

Este acto de terrorismo não tem qualificação! Arrancar a língua do MNE, esse apêndice notável, estreito no fundo mas largo e espalmado na ponta, essa autêntica glória nacional! Vândalos! Essa língua, puríssima fonte da História Pátria, que em tempos de vacas gordas apresentava as papilas gustativas sempre dilatadas, frementes e húmidas à força de bons whiskies, do champagne genuíno, dos vinhos de marca

"patés" trufados dos canapés de salmão, da perdiz e do faisão, etc...

Essa poliglota... que sem o mínimo sotaque se expressava nos mais diversos idiomas; que nos cinco anos passados aprendera impecavelmente o russo, o checo, o húngaro e o polaco; que ainda há dias surpreendeu o Mundo "papcando crioulo" e que agora estudava o chinês... Parece impossível!

É verdade que nos últimos tempos, alturas houve em que nós próprios desejámos cortá-la. Foi na ocasião em que ela andava saburrosa, repleta de aftas, gretada da figadeira que o excesso de bebidas falsificadas provoca e do schich-kebab demasiado condimentado. Tinha mau cheiro e manchas negras da graxa ordinária das botas soviéticas que lambia e relambia. Despejava torrentes de asneiras que só se detinham quando ela, cansada, pendia espumando para a esquerda, como a de um enforcado.

Escapou por um fio à tentativa de corte e ao projecto de a cozinhar "escarlate", com sarro e tudo o mais e de posteriormente a enviar, como presente, aos esfomeados do Terceiro Mundo.

Um choque de vitaminas no MNE e a língua melhorou de aspecto. As rachas fecharam, ganhou cor. Existia contudo, em lambiscas e picis mais espantosas, desde a CEE à ONU, desde a NATO ao Pacto de Varsóvia, passando por tudo o que era Internacionais. Alguns sujeitos, reconhecidos como cozinheiros de mão-cheia pensaram, nessa ocasião, estufá-la e apresentá-la no banquete anual da Internacional Social Democrata de Willy Brandt e Mário Soares.

Não consumaram os seus intentos, pois uma transfusão de sangue revitalizou o MNE. Parecia que os velhos tempos tinham voltado. A língua adquiriu inesperadamente a maciez do veludo. Porém, a sofreguidão do MNE em tudo mastigar fazia com que os dentes pontiagudos nela se cravassem, ferindo-a com frequência.

Por esta ocasião, línguas estranhas, ulceradas, bafientas, procuraram fazer-lhe concorrência. A do MNE conseguiu eliminá-las, desenrolando-se camaleónica e atingindo os pitéus desejados sempre em primeiro lugar.

E lá andava cada vez mais viva, cada vez mais limpa até que, um dedo sujo e de unha roída, pertença de um órgão de soberania, a empurrou para dentro com alguma brutalidade.

Cedo se recompôs. Quando preparava nova arrancada — desconhece-se em que sentido — pela calada da noite,

Continua na pág. 19



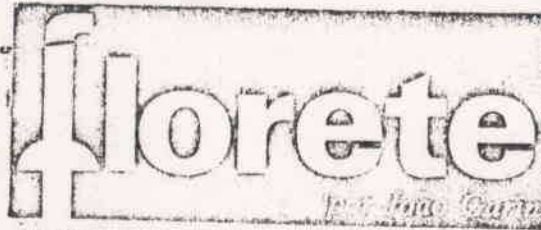
M. N. E.

SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO E IMPRENSA

Publicação

De

Data



Continuação da pág. 11

um grupo de mascarados, munidos de moto-serra e de afiados machados, cortaram-na quase pela raiz. Como ninguém, até à hora em que escrevemos estas linhas, reivindicou o atentado, ignora-se se tem origem política ou se foi meramente perpetrado por magarefes enfasiados com a falta de carne.

Antes da ablação ainda disse: "Não há quatrocentos portugueses nas masmorras do MPLA". Conseguiu, também, engolir os estatutos do Funcionalismo Público.

E, praticamente, emudeceu. Praticamente, porque o MNE para além dos vagidos de dor e de fome, apenas emite sons gorgolejantes do género "ble, ble, ble, grrr, grrr..."

É agora quem me responde às perguntas que fiz sobre o comportamento da eng. Maria de Lourdes Pintassilgo à frente da delegação portuguesa da UNESCO? Terá sido para evitar os esclarecimentos que os energúmenos ceifaram a língua ao MNE? É uma hipótese a considerar.

Para remediar a inoportuna e malévoa acção terrorista reuniram-se em conciliábulo os cérebros proeminentes da Nação. Pensou-se numa transplantação e consultou-se o dr. Bernard. Este não aconselhou tal operação e propôs uma prótese em flanela. Os nossos orgulhosos clínicos partidários do Serviço Nacional de Saúde discordaram da opinião do mestre e tentaram, não a aplicação de nova língua, mas a mudança de toda a cabeça do MNE para o pescoço de um órgão governativo robusto. Ficariam assim duas cabeças e uma só língua, o que até tinha vantagens...

A experiência fracassou, infelizmente. A cabeça do MNE não assentava lá muito bem no pescoço escolhido e toda a estrutura parecia um fenómeno de feira.

Toca de desfazer o que estava feito.

E pronto, como o que não tem remédio, remediado está, deixou-se o MNE ficar sem língua, mudo, incomodando até que a ferida cicatrize larga parte da população lisboeta.

Só uma questão nos traz apreensivos: como irá o MNE responder às perguntas que os eleitos do Povo lhe porão na Assembleia da República?

· Não poderá ser com o "brrr, brrr, ble, gu, gu...", evidentemente. Recorrerá ao alfabeto gestual, à mímica, à escrituração de papelinhos, ao giz ou ao quadro negro, a um intérprete, à cambalhota artística e expressiva, à telepatia? Ainda não o sabemos, visto não ter transpirado para o exterior qualquer indicação de como o interessante diálogo se realizará.

